

PDS renova discurso para atacar Governo

ANC

P 16

JORNAL DE BRASILIA

- 2 JAN 1987

A política econômico-financeira da Nova República deverá sofrer, na Assembléia Nacional Constituinte, a crítica implacável dos ex-ministros do Planejamento, Roberto Campos e Delfim Netto, e provavelmente do senador Virgílio Távora (PDS-CE), que sempre defenderam a orientação dos governos militares no tocante à matéria.

Este será o prato de resistência do PDS, que não terá mais apenas os ataques pessoais de seu líder na Câmara, Amaral Netto, a personalidades do governo, cujo discurso, por isso mesmo, vinha se tornando repetitivo. Cumprido, porém registrar que o parlamentar fluminense, talvez no empenho de garantir sua reeleição como deputado — o que terminou conseguindo — foi quem colocou o maior partido oposicionista no noticiário, ele o fez proferindo acusações a honorabilidade do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, denunciando, como irregularidades, todas as viagens de funcionários públicos federais ao exterior e montando, em seu gabinete, painel fotográfico das personalidades da Nova República que serviram aos governos militares. Ele tenta se manter na liderança, tendo, para tanto, obtido o apoio do ex-ministro do Planejamento, Delfim Netto, recém-eleito deputado, que aparentemente não pretende tomar seu lugar.

"O Delfim não tem pretensões a liderança e vem me ajudar. Colocada minha candidatura, ela a apóia. É lógico, Delfim é homem inteligente. Por que iria querer a liderança para ficar ainda mais visado?" argumenta Amaral Netto. Por via das dúvidas, porém, ele já não fala mais em fazer "oposição desvairada" ao governo federal como no ano passado. Aproxima-se do presidente em exercício, senador eleito Jarbas Passarinho, que diz, com todas as letras, que moverá "oposição leal e responsável" ao governo e não ao regime, como anunciava o falecido Tancredo Neves quando fundou o partido popular.

Delfim Netto, que, segundo ainda o falecido Tancredo Neves, seria o chefe de oposição a seu governo, será, sem dúvida, crítico ácido da política econômico-financeira da Nova República e deverá centrar, nesses ataques, sua atuação no Poder Legislativo. Ele terá o apoio do senador Roberto Campos (PDS-MT), outro crítico implacável da política econômico-financeira do governo José Sarney, e provavelmente do senador cearense Virgílio Távora, estudioso da matéria.

O presidente do partido, Jarbas Passarinho, pretende fazer oposição mais discreta porque sua volta ao Senado e atribuída ao presidente Sarney, que teria influído para montagem de exótica coligação de forças no Pará que reuniu, no mesmo palanque, o PMDB, o PDS e os dois partidos comunistas. Ele fará críticas aos ministros do PMDB e ao próprio PMDB, poupando a pessoa do chefe do governo, de quem continua amigo pessoal. E para atrair áreas conservadoras do país, já pediu ao jurista Miguel Reale a elaboração de anteprojeto de constituição que oferecerá ao debate do plenário da Assembléia Nacional Constituinte.

Não evitará, porém, que o eventual desgaste dos gestores da política econômico-financeira do governo federal seja explorado pelos parlamentares do partido, desejosos de extrair daí dividendos políticos e eleitorais. Assim, conta evitar a inclinação do PDS na rota batida da eutanásia, preconizada pelo líder do Senado, Murilo Badaró, e pelo primeiro vice-líder Bonifácio de Andrada, também de Minas. Sem explicar, muito convincentemente, as razões de seu otimismo, Amaral Netto, que dia 29 de janeiro pretende eleger-se líder, anuncia: "A exemplo do que ocorreu com Cristo, que morreu aos 33 anos, o PDS vai ressuscitar em 1987 com seus 33 deputados".

ANC 88
Pasta I a 10 Jan/87
005

A...